

Já teria Bilinha chegado? Ao chegar perto da escola parou, viu-a fechada e alongou um olhar para as bandas da casa do Chico Herculano: nem um vulto, nem um ruído na escuridão silente. Desenganado, deu a volta do quarteirão para recolher-se, quando ouviu um tropel de passos e vozes de pessoas que se aproximavam.

Ele passava justamente pelos fundos do quintal da escola e ouviu bater ao portão. Era Bilinha com certeza, que acabava de entrar. Estava de pé, a amargar a sua decepção, furioso por se ter retardado esse minuto fatal. Em tal atitude foi encontrado por dois transeuntes que lhe deram boa-noite e se puseram a rir ao se afastarem alguns passos.

Alípio compreendeu então a inconveniência de ter sido encontrado ali, e, mais irritado ainda, deu de marcha para casa. Mas pouco depois, mudando de idéia e de direção, acendeu um charuto e enveredou para a banda das casinhas do Açude.

## CAPÍTULO VII

**IA CORRENDO ABRIL**, o mês “das águas mil”<sup>15</sup>, quando os botões se intumescem para rebentar na esplêndida floração de maio. Os roçados sofriam a primeira capina, que os desbravava do ervaçal daninho, alastrado invasivamente por entre as carreiras do milho, afogando no embastido das suas hostes intrusas os feijoeiros salpicados de flores roxas com feitiço de borboletas e os jerimunzeiros que se abriam em campânulas de ouro fulvo.

Já saturado d'água, o solo não emitia esse calor de cio que lhe irradia das entranhas ao contato das primeiras chuvas. Os rios correram túrgidos, na majestade soberana das grandes forças, atingindo a crla das altas ribanceiras, de onde se debruçavam os mofumbos folhudos e os canoés alongavam as raízes longas e retilíneas como os tubos de um órgão. O marulho surdo das águas, rolando sobre as lajes do leito, acompanhava o grande coro das aves, cujas vozes, diferentes de som e de expressão, se harmonizavam no mesmo honsana festivo em honra da estação bendita.

Parece que entre as aves o feitiço físico corresponde a um dado temperamento imutável para cada coletividade do mesmo tipo. Da ordem à família, da família ao grupo os caracteres vão-se acentuando com uma precisão infalível. Por um pássaro se conhecem os

---

<sup>15</sup> Há, muito comum ainda no Nordeste, a expressão “abril, águas mil”. É que o clímax das chuvas, normalmente, ocorre no mês de abril.

requisitos e hábitos de sua comunidade; não há que enganar-se com falsas aparências, como acontece na sociedade humana. Nem precisa vê-los; basta ouvir-lhes a linguagem sempre a mesma e sempre nova, na confusão maviosa de uma Babel musical.

Vai alta e radiosa a manhã; estão a postos todos os cantores da mata.

O sabiá é eminentemente lírico, com o seu gorjeio tecido de melodias brandas sobre um tema de amor e de saudade — partitura feliz para um poema dolorido e meigo de Casimiro de Abreu.

O galo-de-campina canta os sentimentos joviais e fortes dos que se vão pela vida a rir e a lutar sem desconforto nem desassossego, da gente que tem o amor e o vinho igualmente alegres, como se andasse sempre com um prisma cor-de-rosa sobre os olhos.

O bem-te-vi é maldizente e sarcástico. Sempre pousado nos ramos mais altos, inspeciona cuidadosamente tudo em redor, e, ao descobrir alguma coisa extraordinária, abre o bico indiscreto para anunciar o caso com seu grito irreverente de garoto. Quando lhe dá na veneta, encarapita-se com o maior desplante no dorso de um boi pacato, e, com o pretexto caridoso de limpá-lo dos carrapatos, vai enchendo regaladamente o papo, isso no meio de momices e palhaçadas que muito divertem a galeria.

O bom-é, como um Pangloss da espécie, apenas possui no seu registro vocal as duas notas com que enuncia a exclamação aprovadora da qual lhe provém o nome. Qualquer que seja a circunstância, sendo mesmo sovado pelos outros, ele articula indefectivelmente — bom-é!

O piriaguá, com a sua carretilha de gritos, a voar de moita em moita, lembra uma comadre tagarela, a contar de casa em casa bisbilhotices inesgotáveis.

O bico-de-latão é um misantropo não se sabe se por filosofia ou por simples preguiça. O certo é que passa horas inteiras imóvel, de olhos fechados, o grande bico descaído sobre o papo; e, para isolar-se mais, cava fundos buracos em que mora, na sua aversão pela plena luz, pela convivência e pelo barulho.

Consumado cômico, o canção se diverte em arremedar todos os pássaros com uma perfeição de enganar os parceiros arremedados. Criatura alegre, só uma coisa o faz zangar deveras: é a cobra. Quando encontra uma delas — verde, goipeba, de cipó — e mesmo a temida cascavel — temo-la travada! O canção solta um grito de alarma, e logo uma récuca dos seus acorre pressurosa, forma-se em círculo e ataca o desgraçado reptil, zurzindo-o de bicadas, evitando seus botes com um vôo curto para cima, baixando de novo sobre ele, ferindo-o rijo, num encarniçamento implacável, numa gritaria e ensurdecendo tudo. A cobra mal ferida, louca de cólera, desfalece

afinal, rende-se à discrição, estira-se inerte e expira entre os gritos vitoriosos dos assaltantes.

O papagaio grita parvamente e usa de andar em bandos, formando assembléias ambulantes, cujas resoluções versam exclusivamente sobre os meios mais expeditos de devastar as plantações que os homens fazem com o suor do rosto. Muito estupefatos ficariam os outros pássaros se pudessem saber que, quando apanhados novos, esses ruidosos trapalhões substituem pela linguagem humana os guinchos com que atroam os ares quando vão em hordas famélicas assaltar os milhares alheios.

O xexéu tem um ar brutalmente marcial; mas, de uma valentia contestável, não amedronta com suas pragas estridentes senão as rolinhas histéricas, que dele fogem apavoradas.

O azulão nada tem de notável senão a sua bela plumagem, de que cuida com grande esmero; não tem graça, não tem voz, e, quando se mete a fazer um ninho, sai uma obrinha de causar lástima ou riso. Isso não o tolhe de ser muito orgulhoso e de ter grande importância perante as fêmeas do seu meio.

E agora, ouçam-me aquela voz magoada a modular gemidos de saudade, mas de saudade sem esperança que se tem dos mortos, gemidos oriundos das dores irremediáveis, das supremas desgraças! É a juriti que está a carpir o seu eterno sofrer incompreendido e inconsolável. Ei-la que se afasta, mas o gemido ganha maior dolência e parece agora um soluço longínquo de ser errante a buscar em vão uma felicidade extinta para sempre. . .

Além desses indivíduos notáveis por diferentes característicos de superioridade, pululava nas matas marginais do Ipuçaba — riacho transformado provisoriamente em rio caudaloso pelos aguaceiros de abril — uma turbamulta de passarinhos vulgares sem aptidão musical, sem industriosidade, sem beleza, sem graça e até sem nome, formando a legião da insulsa mediocridade respeitável pelo número e pela prudência regrada de seus hábitos, enfim criaturas sisudas e por intermédio das quais não vem o mal ao mundo.

O Ipuçaba nascia além, do seio da Serra Negra, cujos cabeços arripiados e soturnos fechavam ao longe aquele imenso horizonte de matas novas, posteriores à grande seca, a cuja devastação só resistiram poucas e venerandas árvores de imensas raízes que iam buscar umidade nas camadas profundas do solo.

Era nessa região encapoeirada que demoravam as situações pastoris, mais raras agora, pois algumas tinham ficado abandonadas para sempre, depois daquela espantosa catástrofe. Rio acima, a uma distância de cinco léguas da cidade, ficava a fazenda da Varjota, propriedade do capitão Galdino de Moura, cunhado de Asclepiades.

O tio de Florzinha era um sertanejo tosco e jovial, grande proprietário de gados e de terras, alma direita e franca, muito popular na

ribeira, cujos habitantes o procuravam com frequência para decidir sumariamente suas pendências e mesmo conciliar conflitos domésticos.

A fazenda era uma antiga vivenda vasta e acaçapada, rodeada de largos alpendres abertos, como o coração do dono, aos caminheiros e olhando do alto de uma pequena elevação para um vasto pátio em declive até a margem do rio. De um lado do pátio corria a cerca simétrica dos currais de gado e do outro ficavam as casinhas dos vaqueiros e agregados.

O capitão Galdino tinha apenas um casal de filhos: um rapaz, seu auxiliar nas labutas da fazenda, e Luizinha, rapariga de dezesseis anos, a melhor, senão a única amiga de Florzinha. Todos os anos esta ia passar uma temporada com a prima pelo inverno, e no regresso trazia-a consigo para a cidade a fim de passarem juntas o mês mariano. Florzinha voltava dessa viagem com as cores mais avivadas, as formas mais opulentas, o sangue mais rico de seiva, com uma alegria forte a chamejar nos olhos claros, tão passíveis agora da morbidez das cismas enervadoras.

Foi com gritos de contentamento que Florzinha viu apear à porta o tio, acompanhado de um arrieiro escanchado na cangalha de um burro e puxando pela rédea o cavalo em que ela devia fazer essa suspirada e salvadora viagem à Varjota. Já estava com a roupa e objetos de seu uso arrumados em dois antigos baús de couro cru marcados com as iniciais de sua mãe a pregos dourados. Naquela mesma noite — que alívio! iria dormir na Varjota. Era com um alvoroço infantil que acabava os últimos preparativos, enquanto o tio andava pela cidade a fazer compras e a desenferujar a língua pelas casas dos conhecidos.

Alípio continuava diariamente a repartir o seu tempo, ficando até às oito horas em casa do Asclepiades e indo depois terminar a noite no vispóra da professora, cujo propósito sobre esse entretenimento perigoso e burguês tinha sido completamente frustrado. Além disto, ia tomar café ao meio-dia com Bilinha, passando em seguida pela casa do coletor, onde ficava, às vezes, até a hora do jantar. Então D. Claudina tinha que colaborar com a cozinheira no preparo de mais alguns quitutes; nessa tarefa Florzinha era forçada, não raro e não por gosto, a tomar parte, com profunda satisfação do pai, o qual não deixava de levar o caso ao conhecimento do hóspede.

A opinião pública, encabeçada pela Feira, pusera de lado quase todas as outras preocupações, mesmo as políticas, para acompanhar a comédia anunciada pelo Joca Neves. A filha do Asclepiades ficaria apenas com a decepção; quanto à outra... Depois de inaugurado o vispóra e de Alípio ter sido visto alta noite junto aos fundos do quintal da escola, a população inteira da cidade murmu-

rava, sob promessa de segredo, histórias tão graves que não se passava adiante sem a ressalva do — *ouvi dizer*. Satisfeito este escrúpulo de consciência, as bocas despejavam nos ouvidos o que sabiam e o que era verossímil acrescentar, sem maldade, por uma simples força de raciocínio.

Não faltou uma dessas bocas para soprar ao Asclepiades o escabroso segredo; mas este fingiu indignadamente não acreditar, rompendo entretanto as relações de sua família com aquela “delambida”. Alípio, por sua vez, fingiu não saber do rompimento, ao qual o candidato a seu sogro não ousava referir-se.

O Chico Herculano tudo sabia também; mas a sua posição era muito melindrosa para que ele pudesse fazer valer o seu prestígio perante os dois representantes da justiça e da educação. Nem as conveniências políticas lhe permitiam dar aos adversários o gosto de romper com o promotor, nem a sua qualidade de rival, não desesperançado ainda e comprometido por uma tentativa infeliz, se compadecia com a atitude enérgica que deveria assumir como inspetor escolar. Assim, limitava-se a coadjuvar as manobras do coletor e já invocava com meias palavras a intervenção do vigário no mesmo sentido.

E era perante esse rival escabreado que Asclepiades declamava todos os dias as suas obiurgatórias contra a professora, a cuja direção moral e espiritual estava entregue a infância como a uma segunda mãe, que precisava ter todas as virtudes de mãe verdadeira, porque a escola é um prolongamento do lar; e se não queria que os seus filhos e os dele se arriscassem a contrair o vírus da corrupção, era tomar as medidas que o caso exigia como chefe republicano e como inspetor. Procurasse particularmente essa criatura, intimidasse-a, constrangesse-a a pedir uma licença e depois arranjasse a sua remoção.

O chefe respondia evasivamente que não podia condenar ninguém sem provas, que qualquer providência a esse respeito atingiria a Alípio e, conseqüentemente, ao vigário, e então seria dar cabo ao machado dos adversários para eles o baterem e a todos os seus amigos. O coletor vergava à lógica de tais argumentos e continuava a procurar em sua imaginação febricitante um meio de alijar a professora ou de incompatibilizá-la com Alípio sem magoar a este. E mais uma vez retocava a carta anônima mentalmente redigida, sem se ter animado ainda a pô-la no papel para fazê-la chegar às mãos dessa “infernai criatura”, desse “Cabrión de saias”,<sup>16</sup> perversamente intrometida nos destinos de sua família.

---

<sup>16</sup> Personagem famoso do romance de Eugène Sue *Os mistérios de Paris*. É um artista cheio de malícia que prega terríveis peças a sua estalajadeira, madame Pipelet.

Justamente agora Florzinha parecia disposta a satisfazer suas vontades. Os conselhos da mãe, o medo à cólera do pai e uma mais íntima e assídua convivência com Alípio, que a tratava com discreta amabilidade, e, enfim, a certeza de poder confiar no concurso materno em caso de perigo, tudo isso a levou a refrear sua nascente hostilidade para com o promotor, embora tivesse momentos de verdadeiro terror ao pensar no que se dizia dessas coisas lá fora. Ninguém mais lhe tocara nisso, e a ignorância lhe ocasionava uma tranqüilidade relativa. A aproximação ia produzindo o seu natural efeito de acentuar as verdadeiras linhas de uma individualidade que muito outra nos parece a princípio. À custa de seu chiste inesgotável, Alípio desarmara as prevenções da moça, mas ao mesmo tempo, atenuava o prestígio mundano que ela lhe reconhecia a princípio: julgava-o agora menos mau, porém mais frívolo. Ele era o que se chama um homem de espírito, tipo que as mulheres apreciam guardando sempre a desconfiança íntima de ser vítima também em seus bons ditos. Os homens engracados nunca são muito felizes em amores porque sua índole brincalhona prejudica as afeições profundas. Às vezes mais ganha quem faz chorar do que quem faz rir.

Florzinha já chorara por causa de Alípio, mas o seu pranto não tinha essa propriedade misteriosa de alimentar o próprio sentimento que o faz verter, como o óleo alimenta a chama, não provinha desses secretos motivos que são as manifestações mais ou menos disfarçadas do amor. Agora ele a fazia rir, perdendo com isso mais uma probabilidade de ser tomado a sério.

Asclepiades interpretara essa atitude por uma aquiescência definitiva aos seus intuitos. O padre Balbino via, compreendia e aprovava tacitamente tudo. E certo dia, em presença do pai, no momento em que Florzinha fora tomar-lhe a bênção na sacristia, ele, dando-lhe uma palmadinha no rosto, disse que desejaria abençoá-la em breve mas era ao lado do noivo, e que já estava em tempo de fazer a sua escolha. Foi, pois, com surpresa e contrariedade que Asclepiades notou o contentamento da filha à chegada intempestiva do capitão Galdino.

Intimamente, Florzinha verificava com assombro o progresso que ia fazendo a idéia do seu casamento entre as pessoas que a cercavam, e num grande sobressalto compreendeu que isso resultava da sua condescendência; via-se mal compreendida por sua própria mãe, com quem não mais falara nesse assunto desde o dia da sua consoladora promessa. E coagido por essas vontades estranhas que conspiravam para impor-lhe um noivo, como se faz com um doente para obrigá-lo a ingerir um medicamento salvador, seu coração temia sucumbir, mas experimentava ao mesmo tempo uma confiança profunda no instinto da revolta de que se sentia capaz. Demais, a sua perspicácia fazia prever que seria o próprio Alípio quem havia de

romper o cerco posto ao seu coração, renunciando à presa que lhe ofereciam. Pois essa gente não atentava que o pracião queria apenas divertir-se à custa dos matutos para encher o tempo de sua estada ali? Qual a prova que dera da seriedade de suas intenções? E havia de ser ela a vítima escolhida, a tola que havia de ficar por aí como o sobejo de uma boca que não lhe falava à alma! E que pensaria o outro?... Estaria convencido de uma traição? Decerto estava, pois que fugira sem procurar vê-la antes de partir. Agora chegava a sua vez de fugir também. Lá se encontrariam, e, sob a proteção do tio, talvez fosse preciso patentear o seu recôndito afeto e envolver-se nele como num broquel invulnerável.

A viagem à Varjota não era somente uma retirada oportuna, mas também uma marcha ao encontro de Matias, refugiado numa fazenda vizinha da de seu tio. Quem sabe se com sua ausência tudo não se mudaria, se o bacharel não a esqueceria e entregar-se-ia completamente à sua suposta rival?

Absorvida nestes pensamentos, Florzinha ultimara os seus preparativos, chegando a todo o instante à janela a ver se o tio vinha já de volta. Este chegou afinal, perto das duas horas, acompanhado do arrieiro carregado de sacos e de embrulhos. E passando o braço pela cintura da sobrinha, que viera muito risonha recebê-lo à porta, o capitão Galdino foi entrando para a sala de jantar:

— Estás pronta para ir com o titic? Prepara as trouxas, que daqui a duas horas estamos furando para a fazenda. A Luizinha está num pé e noutro à tua espera; já preparou o teu quarto há uma semana. E precisas mesmo de ar de sertão; acho-te magra, amarela e quase feia. Isso é doença ou outra coisa?

— Nem doença, nem outra coisa. Outra coisa, o quê?

— Sei lá... Zumbiu-me uma mosca na orelha umas histórias... Mas ficam lá para casa. Tenho muito que conversar com a senhora.

— Eu também tenho muito que conversar com você, e já estava zangada com a sua demora.

— Pois olha: eu vinha com receio de voltar com o teu cavalo pela rédea.

— E eu nunca fui para a fazenda com tanto prazer como vou hoje.

O capitão Moura fitou a sobrinha com interesse, deu um jeito aos beiços e entrou para a sala de jantar gritando:

— Senhora minha irmã, vamos com esse café!

Momentos depois, D. Claudina vinha da cozinha a sopesar o grande bule de ramagens azuis de um padrão antigo, e toda a família se acercava da mesa para a merenda, melhorada nesse dia com as guloseimas trazidas pelo irmão. Este, dirigindo-se sempre à Florzinha, contava, no seu estilo incorreto e pitoresco de matuto ladino, episódios domésticos, fatos da vida do campo, agora narrando em todos os seus menores detalhes a história de um tumor que a Luizinha ti-

vera no braço, depois descrevendo com grande abundância de entonações e de gestos, levantando-se para figurar posições, imitando golpes e arremedando pessoas, as peripécias de uma luta que se dera numa bodega da beira da estrada. As crianças, inflamadas de curiosidade, olhavam-no como magnetizadas e esqueciam-se de levar a comida à boca aberta para ingeri-la e imobilizada nessa posição. As narrativas se sucediam, provocadas pelas perguntas dos interlocutores, e o tempo passava insensivelmente, mesmo para Florzinha, a quem antes estava parecendo desesperadamente lento.

Estava próxima a hora marcada para a viagem, quando chegou um grupo de moças que vinham assistir à partida da amiga e... ver também como se despedia ela de Alípio, pois lhes causava espécie essa escusada senão misteriosa separação.

A Asclepiades que chegava pouco depois com Alípio e Casimiro, a tal viagem da filha causava positivamente cólera: isso era abandonar desastrosamente o campo à outra às vésperas da vitória! Não fosse temer o cunhado, um sujeito imperioso, com quem não se podia tergiversar em matéria de tratos, e que, de mais a mais, lhe provia a despensa de um tudo, e tentaria o coletor obstar a ida de Florzinha. Era desmanchar com os pés o que ele estava fazendo para a sua felicidade! O rapaz ressentir-se-ia, com toda a razão, e, por despeito, se entregaria de corpo e alma à professora, que era muito fina para não aproveitar-se da ocasião de enfeitá-lo à vontade com suas lábias e niquices. O mau humor de Asclepiades vivava especialmente à mulher: esta, se houvesse querido, poderia ter evitado a vinda do irmão ou abrir-se com ele e mostrar-lhe os inconvenientes da saída da menina naquela ocasião. Gente idiota! Cunhado, mulher e filha, nenhum tinha pingão de juízo! Depois, se a coisa falhasse haviam de chamar patife ao rapaz e tolerar a ele! Pois se botavam tudo a perder dessa maneira! O que o consolava um pouco era ter o bacharel acedido ao convite do capitão Galdino para ir passar uns dias na fazenda.

Alípio, cujas amabilidades prazianas Florzinha temia na presença do tio, adotara para o momento um ar de fria reserva que era, em substância, o embaçamento de sua vaidade, golpeada por essa fuga imprevista. Ele procurava exprimir com os olhos o seu ressentimento, mas Florzinha, entretida a fazer praça às amigas e pondo todo o cuidado em burlar a curiosidade com que elas a perscrutavam, nem sequer olhava para o bacharel, e ria garrulamente a enumerar as delícias que a esperavam na fazenda — passeios a cavalo, banhos no rio, excursões a pé pelo mato à cata de frutas, de flores, de folhas bonitas; a festa do batizado de um seu afilhado...

Depois entraram todas para o quarto de Florzinha e sentaram-se umas em cadeiras, outras, às duas e três, na rede e nos baús já com a alça de relho para serem penduradas aos cabeçotes da cangalha.



Ali a conversação degenerou em algazarra, falava-se e ria-se alto, e eram histórias de toda a espécie que vinham à baila sem transição, como as figuras de um silforama. Por fim uma delas aventurou uma indiretazinha à amiga que partia:

— Não sei como tens coragem de ir para o mato agora!

— Não é preciso coragem, Dedé, — replicou Florzinha, fugindo à alfinetada. Lá não há onças nem caboclos brabos; e tu bem sabes como gosto da fazenda, de meu tio e de toda a gente dele.

Lá fora o capitão Galdino tomava Alípio à sua conta e divertia-o a contar-lhe as suas pitorescas histórias, entre as quais é de uma viagem à Capital, onde lhe sucederam grotescas aventuras, que exagerava um pouco para lhes dar mais chiste.

— Uma ocasião fui jantar em casa do nosso chefe, o Dr. Nemésio, que mora num casarão, com jardim, figuras de louça, tanque, bancos, o diabo o quatro... O senhor conhece com certeza...

— Perfeitamente.

— Pois bem. Lá cheguei às quatro e meia, já com uma fome bem sofrível. Deu cinco, deu cinco e meia, deu seis, e nada de jantar. Eu estava capaz de comer os guardanapos de Santa Apolônia! E o homem a conversar, a perguntar por fulano, por sicrano, porque vira, porque mexe, porque assim, porque assado. Olhe que eu tinha almoçado às nove horas umas comidazinhas praciasas, essas porcarias que não foram feitas para bicho-do-mato, e depois disso só havia tomado uma xícara de café ao meio-dia no Java<sup>17</sup>. A minha barriga roncava como porco quando o coçam, e era cada abrir de boca de desconjuntar-me os queixos. Daí a pouco veio um criado com um tamborete acender o gás. Então o homem chamou uma das filhas; eu criei alma nova: bom, vai mandar tirar o jantar. Quais! minhas encomendas! A doninha veio, e sabe o que ele disse, depois de ter-me apresentado a ela? — “Menina, vai tocar um pouco de piano para o capitão ouvir.” — Eu comecei a suar frio, já desconfiado de que tinham esquecido o convite feito a mim e jantado antes de eu chegar. Agora tinha que agüentar com o piano. E a moça — dlim, dlim, dlon, dlon, bum, trrrrrr... tocando umas coisas que me pareciam sem pé nem cabeça. O meu estômago estava tirando fogo, que eu posso passar todo o dia com uma triste xícara de café, não faço questão de almoço, mas de tarde quero comer, e muito!

Meu amigo talvez você não queira acreditar: mas eram quase sete horas quando a criada veio dizer que o jantar estava à mesa. Eu

---

<sup>17</sup> Famoso café, montado em estilo francês, num dos ângulos da Praça do Ferreira, em Fortaleza. Era ponto de reunião de intelectuais. Em suas mesas nasceu, por volta de 1890, a idéia da fundação da “Padaria Espiritual” da qual foi sócio o autor.

quase me levantava na cadeira de um pulo, ao passo que o Dr. Nemésio ainda ficou uns dez minutos a mostrar-me os retratos da sala, que aquele era o seu pai, aquela sua mãe, aquele seu sogro, aquela sua sogra, aquele era o coronel tal, irmão da mulher... E eu com vontade de perguntar qual era o retrato do diabo que o carregasse com todos os seus parentes e aderentes. Afinal fomos para a sala de jantar. Bonita mesa! Talheres de prata, louças finas, copos tão delicados que a gente tinha medo de quebrar, jarros de flores, criados empaletozados, mais bem vestidos do que eu... Com a fome que eu estava, atirei-me à sopa sem demora. Ah! não lhe digo nada: o diabo estava fervendo! Fiquei com língua, boca e goela tudo a largar a pele. O homem viu minha careta e disse: olhe que está quente. Vinha a tempo o aviso! Passamos ao peixe. Magnífico! Eu, apesar de sertanejo, sou doido por peixe d'água salgada, e quando estou na Capital não como, a bem dizer, outra coisa. Ofereceram-me pimentas, e eu dei quatro ou cinco no prato... ah! eu não como sem pimenta... que quando estava entretido a machucar uma delas, vem um carço e — zás! salta-me bem dentro do olho.

Uma gargalhada uníssonas atroou na sala; o narrador, muito ancho no sucesso, prosseguiu, sempre dirigindo-se a Alípio:

— Imagine o senhor que desastre. Eu fiquei cego, larguei o talher e levei as mãos ao rosto. Todos se assustaram pensando que eu estava com alguma coisa; mas quando souberam da coisa caiu tudo numa risada que não acabava mais. Depois de levantar-me para lavar o olho, também pus-me a rir, para não dar o braço a torcer; mas só Deus sabe que ardor danado eu estava sentindo. De vez em quando era preciso enxugar com o guardanapo o aguaceiro que escorria. Mas estava escrito que eu havia de ser caipora até o fim naquele jantar. Fui separar duas costeletas de porco e não sei que diabo de jeito dei que saltou tudo para cima da toalha, e a faca resvalou e apanhou-me em cheio este dedo... Está vendo aqui esta risca branca? Pois foi aqui que levei o talho nesse atribulado dia. Foi sangue como o diabo! Ensopei o lenço e o guardanapo!

O resto da história foi abafado pelas gargalhadas que abalaram toda a sala. Alípio, com as mãos no estômago e os olhos úmidos, tinha espasmos de riso e dizia suplicante ao capitão:

— Basta! basta!

O fazendeiro era, no seu gênero, um contador insigne. Os circunstâncias pediram-lhe para contar também a hilariante história de uma famosa caçada em companhia de um naturalista alemão; mas ele, dando com os olhos no relógio, que marcava quatro horas, pulou da cadeira:

— Nan, nan, não! fica para outra vez. É hora de pôr-me ao fresco! e gritando à toda: — Flor, toca a vestir! Vicente, vai buscar os baús! Florzinha apareceu cercada das amigas.

— Estou pronta. É só pôr o chapéu e vestir a saia de montar.

— Pois anda com isso para chegarmos cedo.

A rapariga voltou pouco depois em traje de montar, de chapinho de feltro com pequeno véu azul flutuante, a longa saia de montar arrepanhada por uma das mãos enquanto com a outra brandia o chicotinho de camurça branca com castão e corrente de prata. O arriero tocou a carga de baús e foi seguindo na frente.

Foram rápidas as despedidas. Asclepiades apenas deu-lhe friamente a mão a beijar; D. Claudina, porém, abraçou-a com ternura e beijou-a repetidas vezes na face. Seguiram-se os abraços das amigas e os apertos de mãos dos homens. Ao chegar a vez de Alípio, preparou-se este para despejar-lhe dentro dos olhos um de seus olhares de mais prestígio; mas a moça não o fitou, aproveitando o instante para sorrir ao padrinho, que chegara por último, e, simulando um choro pândego, estava já de braços abertos para abraçá-la. Saíram todos para a calçada. Casimiro colocou uma cadeira junto ao cavalo de Florzinha; mas o capitão Galdino gritou:

— Não precisa essa história, seu Casimiro!

E, tomando o pé da rapariga na mão direita e segurando-lhe a cinta com a esquerda, guindou-a até a altura da sela, onde ela se sentou com um donaire de ave que pousa num ramo. D. Claudina foi introduzir-lhe o pé no estribo e aconchegar-lhe as dobras da ampla saia de flanela azul-marinho.

Já montado, o capitão Galdino ainda se voltou para Alípio e disse:

— Pois, meu caro doutor, lá o esperamos. A casa é pobre mas você não há de passar fome enquanto houver bode no chiqueiro.

Alípio agradeceu inclinando-se, e os dois cavaleiros partiram, a acenar para o grupo, que os acompanhou com a vista até desaparecerem na próxima esquina, levados pelo arranco impetuoso dos cavalos, sempre mais diligentes quando iam de volta para a fazenda.

## CAPÍTULO VIII

FOI UMA SENSAÇÃO a princípio indistinta a experimentada por Alípio quando passou o primeiro dia sem ver Florzinha: alguma coisa dentro de si acusava como a impressão deixada por um contato que cessa. Mas essa impressão parecia mais física: talvez só os olhos